

A GEOGRAFIA ATRAVÉS DOS SEUS CONGRESSOS INTERNACIONAIS⁽¹⁾

Há quase um século que os geógrafos se reúnem em congressos. Já tinham sido formulados os princípios fundamentais da geografia moderna⁽²⁾ quando, em 1871, devido à iniciativa de Charles Ruelens, conservador da Biblioteca Real de Bruxelas, cerca de quatrocentas personalidades, representando diversos países da Europa, se reuniram em Antuérpia, de 14 a 22 de Agosto, no que viria a ser considerado o I Congresso Internacional de Geografia: «Congresso das Ciências Geográficas, Cosmográficas e Comerciais». Tal foi o seu êxito que, no decorrer do meio século seguinte, outros nove se haveriam de realizar. Fixou-se assim a tradição que se tem mantido até hoje, de reuniões geralmente convocadas entre cada três a cinco anos⁽³⁾.

Se nos primeiros congressos as explorações e as viagens, em especial na faixa tropical ou nas regiões polares, o ensino da Geografia, a cartografia, dominavam nas discussões, muito frequentes eram também as preocupações da definição de Geografia e da delimitação do seu campo. Já no Congresso de Antuérpia, entre os 88 assuntos apresentados, um tinha grande relevo: «Quais são os melhores métodos de ensino da Geografia?» Os outros temas eram, por exemplo, ortografia dos nomes geográficos, escolha de um meridiano para ponto de partida das medições de longitudes, investigações oceanográficas, variações da corrente do Golfo, triangulação geodésica da África do Sul e da América, escolha do melhor local para abertura de um canal no istmo americano, divisão decimal do quadrante, influências da Lua sobre o clima, explorações polares, etc.

A reunião seguinte realizou-se em Paris, entre 1 e 11 de Agosto de 1875, a convite da Sociedade de Geografia dessa cidade⁽⁴⁾. Entre

(1) Realizando-se no presente ano o XXI Congresso Internacional de Geografia em Nova Deli, achamos oportuna a publicação desta nota.

(2) O 1.º volume da *Erdkunde*, de C. RITTER, saiu em 1817; *Kosmos*, de A. HUMBOLDT, começou a aparecer em 1845; *La Terre*, de E. RECLUS, é de 1866-1867.

(3) M^{me} P. LÉCONTE, «Histoire de l'Union Géographique Internationale et des Congrès Internationaux de Géographie», *Le Bulletin de Nouvelles de l'U. G. I.*, Zurich, 1959, vol. x, n.ºs 1 e 2, pp. 3-20 e 43-65.

(4) Fundada a 15 de Dezembro de 1821, é uma das sociedades mais antigas do Mundo.

os votos mais significativos, exarados no fim das discussões, estavam a necessidade de se chegar a um acordo sobre a escolha de um zero de nivelção e de um meridiano de origem para a cartografia; o desejo de que o ensino da Geografia fosse confiado a professores especializados nessa matéria. Neste congresso é mesmo proposta uma definição importante: «O objecto da geografia é duplo: em primeiro lugar, o conhecimento da configuração natural da superfície terrestre; em segundo lugar, o estudo das relações da Terra com os seus habitantes.»⁽⁵⁾ Ficavam provados o interesse e a viabilidade da instituição e, daí por diante, os congressos realizaram-se com grande regularidade e afluência cada vez maior de participantes interessados.

No III Congresso, realizado em Veneza, de 15 a 22 de Setembro de 1881, os assuntos de discussão, tal como se fizera em 1875, foram apresentados através de oito grupos (geografia matemática, geografia hidrográfica, grupo físico, grupo antropológico, grupo histórico, grupo económico, grupo didáctico, explorações), regra que depois será seguida nas outras reuniões. Neste congresso nasceu o projecto da fundação de uma «União Geográfica Universal» (que só teria a sua concretização em 1922) e evidenciou-se o desejo, cada vez maior, de os geógrafos definirem com precisão os limites da sua ciência: «A Geografia deve contentar-se com o registo, a classificação e a representação das formas da Terra, ou deve procurar as suas causas? Neste caso, como deverá proceder para não avançar pelos domínios das outras ciências?» Embora bem organizado, o congresso não correspondeu a tudo quanto se esperava dele, sob o aspecto científico; muito tempo foi ocupado com recepções aparatosas e manifestações ligadas à exposição internacional que se realizava também em Veneza.

Em 1889, Paris acolhia, novamente, de 5 a 11 de Agosto, um Congresso Internacional de Geografia. Antes dele fora pedido aos participantes que «elaborassem, para os países que representavam, exposições sumárias das viagens, das investigações, das publicações que, desde há um século, mais tivessem contribuído para o progresso da geografia», e aos sete grupos ou comissões de trabalhos foram apresentados 92 temas de interesse geográfico, alguns deles transitados de congressos anteriores. As resoluções votadas no fim desta reunião testemunham o seu interesse científico: adopção de medidas de arcos de meridiano e de paralelo no hemisfério sul; generalização de mapas em escalas grandes e emprego universal de medidas métricas em altitudes; necessidade de um acordo universal para a publicação de mapas de correntes marítimas; recomendação do ensino de exercícios práticos sobre mapas topográficos; necessidade de reforma dos exames de Geografia, que faziam apelo quase exclusivo à memória; necessidade da criação de cadeiras de Geografia no ensino secundário; desejo de que as autoridades competentes facilitassem, nas universidades, as relações entre a Geografia e as ciências vizinhas, etc.

(5) *Actes du Congrès et Comptes Rendus du Congrès International de Géographie — Amsterdam 1938*, Leiden, 1938, tome 1, p. 7.

O V Congresso, reunido em Berna, em 1891, não trouxe grandes novidades. Todavia, o de Londres, de 26 de Julho a 3 de Agosto de 1895, comportou inovações importantes. Entre outras, apareceu uma comissão internacional de vice-presidentes (escolhidos entre as personalidades geográficas presentes no congresso), encarregada de estudar e regular certos problemas. Foi uma reunião que primou pela organização, onde tudo se preparou para que nada fosse deixado ao acaso ou à inspiração do momento. Dos 1560 participantes, 449 eram estrangeiros. Na lista de votos do fim do congresso predominaram, sobretudo, os de sentido prático: organização da actividade geográfica entre os congressos; publicação de bibliografias geográficas; encorajamento das explorações antárticas; discussão da ortografia dos nomes geográficos; cartografia do continente africano; etc. A importância deste congresso traduzir-se-ia ainda na criação de 39 sociedades de geografia, em diversos países.

Grande afluência de geógrafos teve também o Congresso de Berlim, em 1899 (28 de Setembro a 4 de Outubro), cuja comissão organizadora era encabeçada por F. VON RICHTHOFEN, presidente da Sociedade de Geografia daquela cidade. Os assuntos foram distribuídos por sete secções: geografia matemática, geodesia, cartografia, geofísica; geografia física — geomorfologia, oceanologia, climatologia; biogeografia; antropogeografia e etnografia; *länderkunde*, viagens; geografia histórica; metodologia, bibliografia, ortografia de nomes geográficos. Figuras célebres como J.-L. AGASSIZ, E. BRÜCKNER, W. M. DAVIS, C. E. DUTTON, E. RECLUS, tomaram parte neste congresso. F. RATZEL apresentou a sua famosa comunicação sobre «A origem dos Arianos», e VIDAL DE LA BLACHE, sobre «A habitação e o povoamento rural nos planaltos *limoneux* do Norte da França». Com este congresso ficaram lançadas as bases de uma «União Cartográfica Internacional», já proposta no de Londres (1895), e foram feitos votos para que, de futuro, todos os mapas fossem acompanhados de uma notícia explicativa e se generalizasse o uso da escala decimal; fosse utilizada a divisão do tempo e do círculo em 360° e adoptado o sistema decimal para os pesos e medidas. O trabalho científico foi sério e bem organizado; o número de resoluções práticas e as numerosas comissões nomeadas para assegurarem a sua execução constituem prova disso. Começavam a ganhar terreno as bases de uma Geografia humana; F. RATZEL publicara, na década de 1882-1891, a sua *Antropogeografia*, muito embora, apesar do título, a obra encerre pontos de vista de um determinismo da Natureza. Em Paris, VIDAL DE LA BLACHE, outro mestre de prestígio, lançaria as bases de uma doutrina possibilista: o ambiente contém um número de «possibilidades» que o Homem seleccionará. Surgiam também as primeiras monografias regionais e a orientação dos congressos tomara novos aspectos.

O VIII Congresso, realizado em Washington, em 1904, foi um verdadeiro congresso itinerante: de 8 a 11 de Setembro, os congressistas reuniram-se em Washington, a 12 em Filadélfia, de 13 a 15 em Nova Iorque, a 16 visitaram as quedas do Niágara, a 17 e 18 permaneceram em Chicago, de 19 a 22 reuniram-se em Saint Louis! As resoluções

adoptadas, que pouco diferiram das do congresso anterior, referem-se, em especial, às investigações sismológicas, à ortografia dos nomes geográficos, à universalização do emprego do sistema métrico, à generalização da fotografia científica, etc.

O Congresso Internacional de Genebra, em 1908, de 27 de Julho a 6 de Agosto, depois do de Londres foi aquele que teve maior representação de estrangeiros: 31 países enviaram representantes; dos 564 membros presentes (801 inscritos), 370 eram estrangeiros. Foram lidas cerca de 200 comunicações, todas elas de grande interesse, distribuídas por catorze secções: geografia matemática e cartografia; geografia física; vulcanologia e sismologia; glaciares; hidrografia (potamologia e limnologia); oceanografia; meteorologia e climatologia (magnetismo terrestre); geografia biológica (geografia botânica e zoogeografia); antropogeografia e etnografia; geografia económica e social; explorações; ensino da geografia; geografia histórica; regras e nomenclaturas. As resoluções foram importantes e mais um passo foi dado para a criação de um organismo internacional, ao transformar-se a comissão executiva numa comissão permanente, encarregada de velar pela execução dos votos e resoluções tomadas em cada um dos congressos, pois era cada vez maior o número de comissões de estudo de problemas geográficos. Entre as resoluções de fim de congresso estava, uma vez mais, a da publicação do mapa mundial, na escala de 1:1 000 000, cujo projecto fora apresentado, pela primeira vez, por A. Penck, em 1891⁽⁶⁾. Alguns países, como a França, a Alemanha, a Inglaterra e os Estados Unidos, já trabalhavam nesse plano, mas tornavam-se necessárias medidas de uniformização, em especial para a escolha de sinais convencionais ou de símbolos, para a dimensão das folhas (4° em latitude e 6° em longitude Gr.), para a projecção a utilizar (policónica), para indicação da escala, da equidistância das curvas de nível (200 m), de pontos cotados, etc. Juntamente com a comissão do mapa passaria a trabalhar uma outra, encarregada de reunir todos os elementos gráficos que pudessem mostrar o progresso contínuo da exploração do Globo. Representam, assim, o primeiro núcleo da Associação Cartográfica Internacional. O congresso aprovou também uma resolução que, ainda hoje, continua a ter a maior actualidade: «A geografia como ramo de ensino tem por objecto a descrição da superfície da Terra, considerada nos diversos elementos, físicos e orgânicos, cuja combinação e encadeamento determinam a fisionomia actual do Globo. Este ensino, na instrução primária e secundária, deve basear-se na leitura dos mapas e seguir, sobretudo, o método sintético. No quadro que ela traça das diferentes partes do Globo, a geografia deve tender... a pôr em evidência as relações entre o mundo inorgânico e os seres vivos e, mais particularmente, entre a superfície da Terra e o Homem.» A este congresso apresentou o Prof. FRANCISCO DA SILVA TELES, renovador dos estudos geográficos no nosso País, duas comunicações, uma sobre «Regionalismo climato-

(6) P. VIDAL DE LA BLACHE, «La Carte Internationale du Monde au millionième». *Annales de Géographie*, Paris, 1910, vol. 103, pp. 1-7.

lógico», outra sobre o «Ensino superior de Geografia». Esta traduz aquela orientação, pela defesa da independência científica da geografia, tendo como finalidade a interpretação da superfície terrestre sob o aspecto naturalista; assinalava como objectivo ao ensino superior a criação de um *espírito geográfico* que «não se pode obter por meio de um ensino não coordenado, com solução de unidade doutrinal» (7).

Entre os convites das sociedades de geografia de Lisboa, de Dresden, de Budapeste, de Brisbane e de Roma, esta foi escolhida para organizar a reunião do IX Congresso, realizado apenas em 1913, de 27 de Março a 3 de Abril. Funcionaram somente oito secções: geografia matemática; geografia física (oceanografia e climatologia; morfologia); biogeografia; antropogeografia e etnografia; geografia económica; corografia; história da geografia e geografia histórica; metodologia e ensino. Grande êxito teve a exposição de espécimes do «Atlas Fotográfico das Formas do Relevo Terrestre» (8). Se as discussões foram conduzidas com nível científico, parece que a organização das excursões foi bastante inferior à dos congressos anteriores (9). Embora ficasse escolhido Petrogrado (Rússia) para a reunião de 1916, o Congresso de Roma seria o último antes da primeira guerra mundial; com ele terminava um período da história da geografia moderna.

Assinada a paz que pôs fim à guerra em que se tinham envolvido os países da Europa, uma conferência interaliada para tratar dos problemas e das organizações científicas, reunida em Londres, recomendou aos cientistas aliados que se retrassem das organizações internacionais existentes, para formarem novas uniões. Partir-se-ia assim do zero e cada país deveria organizar, ou reconhecer, um organismo científico centralizado, susceptível de o representar num «Conselho Internacional de Investigações». A inauguração oficial deste conselho efectuou-se numa assembleia geral reunida em Bruxelas, em 1919. Nos primeiros tempos apenas os países aliados, e eventualmente os países que se mantiveram neutros durante o conflito, tiveram acesso ao conselho. Todavia, a partir de 1922, essa tendência começou a ser combatida por países como a Suécia, a Holanda, a Dinamarca, a Suíça, a fim de se permitir a admissão de outras nações, nomeadamente da Áustria, da Hungria, da Bulgária, e mesmo da Alemanha. Doze anos depois da sua criação, os estatutos do conselho foram revistos e ele tomou novo nome: «Conselho Internacional das Uniões Científicas». Entre estas foi criada a «União Geográfica Internacional» (10), na segunda assembleia geral do C. I. U. C., em Bruxelas, a 27 de Julho de 1922. Foi dotada de três órgãos de

(7) *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 1934, n.º 7-8, p. 265.

(8) EMM. DE MARTONNE, «L'Atlas photographique des Formes du Relief Terrestre», *Annales de Géographie*, Paris, 1912, vol. 115, pp. 70-72.

(9) P. CAMENA D'ALMEIDA, «Le Xe Congrès International de Géographie», *Annales de Géographie*, Paris, 1913, vol. 124, pp. 353-358.

(10) Outras Uniões Internacionais também criadas: de Astronomia; de Ciências Biológicas; de Química; de Cristalografia; de Geodesia e de Geofísica; de História das Ciências; de Física Pura e Aplicada; de Mecânica Teórica e Aplicada; de Rádio-Ciência. Ver *Bulletin de Nouvelles de l'U. G. I.*, Zurich, 1950, vol. 1, n.º 1, p. 8.

administração: 1) Comissão executiva, cujo presidente deve ser eleito em assembleia geral, reunida durante os congressos internacionais; 2) União de comissões nacionais dos países membros; 3) Comissões encarregadas de assegurar a continuidade do trabalho científico entre os congressos. Os seus fins ficaram assim definidos: a) Facilitar e fomentar os estudos de problemas que interessam à geografia; b) Promover e coordenar a investigação, exigindo a cooperação dos diversos países, e assegurar a discussão científica, bem como a publicação dos resultados; c) Assegurar reuniões de congressos internacionais de geografia; d) Nomear comissões científicas para o estudo de problemas particulares, no intervalo dos congressos. As comissões nacionais dos países membros tanto podem ser patrocinadas por uma academia das ciências, como pelo conselho nacional de investigação do país, como por outras instituições similares, ou até pelo próprio governo (11).

Com a criação da U. G. I. inicia-se um outro período da história da geografia mundial, marcado por outra guerra, a de 1939-1945. O primeiro congresso realizado sob a égide da U. G. I. foi o do Cairo, de 1 a 9 de Abril de 1925, com o nome de «Congresso de Geografia e de Etnologia» (12). Representou a transição entre as antigas reuniões, organizadas pelas sociedades de geografia (muito embora ainda fosse organizado pela Real Sociedade de Geografia do Egipto, que nesse ano comemorava o 50.º aniversário), e as novas reuniões internacionais promovidas pela U. G. I. Dos 600 convidados (205 eram egípcios), cerca de 400 estiveram presentes; representavam mais de uma dúzia de países, com excepção dos E. U. A. e dos países escandinavos, que ainda não tinham aderido à União, e dos inimigos dos aliados na guerra de 1914-1918. Delegações importantes foram enviadas pela França (91 participantes), pela Polónia (63), pela Itália (51) e pela Grã-Bretanha (32). Entre as comunicações mais interessantes podem citar-se as de EMM. DE MARTONNE, sobre «A extensão das regiões endorreicas»; de H. BAULIG, sobre «A noção de perfil de equilíbrio»; de A. DEMANGEON, sobre «A influência dos regimes agrários nas formas de povoamento da Europa ocidental»; etc. Funcionaram cinco secções — geografia matemática, geodesia e cartografia; geografia física; geografia biológica e humana; antropologia e etnografia; história da geografia e geografia histórica — de leitura e discussão de comunicações. Das resoluções votadas pela assembleia geral, algumas traduzem bem a nova orientação: necessidade de uma bibliografia geográfica internacional, em seguimento da «Bibliographie Géographique Annuelle», iniciada em 1891 como parte da revista *Annales de Géographie*, da casa A. Colin, de Paris (13); estudo

(11) Depois da Assembleia Geral do Rio de Janeiro (Agosto de 1956), a União passou a admitir, como «membros associados», países que tenham um pequeno número de geógrafos. A proposta deverá ser assinada, pelo menos, por três geógrafos pertencentes ao país que a apresenta; os «membros associados» não têm direito de voto nas questões administrativas.

(12) EMM. DE MARTONNE, «Le Congrès International de Géographie du Caire et l'avenir des Congrès Internationaux», *Annales de Géographie*, Paris, 1925, vol. 190.

(13) Fundada em 1891, sob a direcção de P. VIDAL DE LA BLACHE, a revista não foi publicada durante os anos de 1914-1918; revivida por ELICIO COLIN e EMM. DE MARTONNE, quando este fundou a Association de Géographes Français, em 1915.

das formas de povoamento rural, com questionários e centralização dos resultados, de acordo com um projecto apresentado por A. Demangeon; continuação da publicação do «Atlas das Formas de Relevos»; publicação de um mapa das áreas endorreicas do Globo, segundo um esquema apresentado por EMM. DE MARTONNE; etc. Para a elaboração da bibliografia internacional três países tomariam depois esse compromisso — a França (Association de Géographes Français), os E. U. A. (American Geographical Society) e a Itália (Comitato Geografico Nazionale Italiano) —, mais tarde ajudados por outros.

O XII Congresso Internacional, realizado em Cambridge, de 18 a 25 de Julho de 1928, foi o primeiro efectivamente organizado pela União. Por isso mesmo correspondeu, melhor que o do Cairo, aos objectivos em vista: juntar os geógrafos de todos os países (não compareceram os geógrafos alemães); promover o progresso da ciência, pela discussão e pela publicação dos resultados de investigações geográficas⁽¹⁴⁾. Antes do congresso, várias comissões, nomeadas pela U. G. I., apresentaram relatórios impressos de assuntos de interesse geral, que constituíram, juntamente com as comunicações, um conjunto de bases sólidas de discussão. A comissão do *habitat* rural apresentou, da autoria do seu presidente, A. DEMANGEON, «La Géographie de l'habitat rural», trabalho publicado nos *Annales de Géographie*⁽¹⁵⁾, e diversas monografias de cunho regional; foi renovada, com a incumbência de preparar mapas da distribuição dos diferentes tipos de formas de povoamento rural, a partir do modelo apresentado por M. LEFÈVRE para a Bélgica⁽¹⁶⁾. A comissão do mapa mundial, na escala de 1:1 000 000, presidida pelo general Vacchelli, foi dissolvida. A comissão para o estudo dos terraços litorais, presidida por Hernandez Pacheco, foi renovada, para continuar o estudo de «terraços litorais e fluviais, com o fim de se procurar a existência de níveis constantes e fixar a sua sucessão», noutras áreas além da Europa ocidental e da bacia mediterrânica. Além dos resultados expostos por estas comissões, foram objecto de discussão as comunicações espalhadas por seis secções: geografia matemática e cartografia; geografia física — geomorfologia e oceanografia; geografia biológica; geografia humana, etnografia, geografia política e económica; geografia histórica e história da geografia; geografia regional, ensino da geografia, distribuição de informações, nomenclatura geográfica. No fim do congresso foram criadas novas comissões: para o estudo das variações climáticas; para o estudo das formas de povoamento vegetal e animal das montanhas; para preparação de mapas paleogeográficos da época plioptocénica; para preparação de um mapa do Império Romano; para publicação de reproduções fotográficas de mapas antigos. Todas elas desenvolveram acção notável no período que antecedeu o congresso seguinte.

⁽¹⁴⁾ EMM. DE MARTONNE, «Le Congrès International de Géographie de Cambridge», *Annales de Géographie*, Paris, 1929, vol. 211, pp. 1-9.

⁽¹⁵⁾ A. DEMANGEON, «La Géographie de l'habitat rural», *Annales de Géographie*, Paris, 1927, vols. 199 e 200, pp. 1-23 e 97-114.

⁽¹⁶⁾ M. LEFÈVRE, *L'habitat rural en Belgique*, Liège, 1925.

Pela competência e cuidado postos na sua organização, o XIII Congresso, reunido em Paris, de 17 a 24 de Setembro de 1931, foi um modelo que norteou muitos dos congressos posteriores. Era então secretário da Comissão Nacional da França o Prof. Emmanuel de Martonne. A circular distribuída nos fins de 1930 enunciava já uma lista de 25 *questions à l'ordre du jour*, que convidavam à produção de comunicações e discussões⁽¹⁷⁾. Seis secções foram previstas (topografia e cartografia; geografia física, que se revelou a mais activa; biogeografia; geografia humana; geografia histórica; bibliografia e ensino), além de sessões gerais e sessões especiais para discussão dos problemas estudados pelas comissões. Cada secção tinha um presidente, dois vice-presidentes e dois secretários, nomeados pelo presidente do congresso. Antes e depois das reuniões do Congresso realizaram-se diversas excursões através das regiões características da França, e mesmo da Argélia. Para cada uma delas foi preparado um livro-guia⁽¹⁸⁾. O número de participantes do congresso atingiu cerca de 900 (um pouco mais de 350 eram franceses) e fizeram-se representar 42 países. Depois da França, as delegações mais numerosas foram as da Grã-Bretanha (101 participantes), dos E. U. A. (73), da Itália (72), da Polónia (32) e da Suíça (23); continuaram ausentes as representações da Alemanha e da Áustria. As conclusões votadas pela assembleia geral, reunida no fim do congresso, puseram em evidência os resultados adquiridos e prepararam a criação de novas comissões: fototopografia aérea; sobre-povoamento, nas suas relações regional e geográfica; cartografia das superfícies de erosão (em várias escalas). A U. G. I. decidiu patrocinar a publicação da *Monumenta Europea Cartographica*; à comissão para o estudo do povoamento biológico das montanhas foi pedido que «a noção de andar ou nível, fundamental do ponto de vista geográfico, fosse objecto de um inquérito profundo», para se chegar a uma definição clara; a todos os institutos cartográficos foram endereçados convites para apresentarem relatórios trienais dos trabalhos topográficos e cartográficos executados.

Para o congresso seguinte, o XIV, foi aceite o convite da comissão da Polónia. Reunido em Varsóvia, de 23 a 31 de Agosto de 1934, em tudo seguiu o modelo do de Paris. Foi um congresso vivo, exuberante de vitalidade⁽¹⁹⁾. Pela primeira vez apareceram delegações dos países que até então se tinham mantido afastados da U. G. I. (Alemanha, Canadá e cidade livre de Dantzig). Os trabalhos foram apresentados através de seis secções, como as de Paris; apenas a de «biogeografia» foi substituída pela de «paisagens geográficas». Nove comissões, que com o decorrer da acção da U. G. I. se transformaram nos organismos essenciais das actividades dos congressos internacionais, apresentaram

⁽¹⁷⁾ S. A. «The Paris Congress of the International Geographical Union», *The Geographical Journal*, London, 1931, vol. LXXVIII, n.º 5, pp. 544-550.

⁽¹⁸⁾ H. BAULIG, que publicara três anos antes *Le Plateau Central de la France et sa bordure méditerranéenne*, Paris, 1928, dirigiu a excursão do sueste do planalto central.

⁽¹⁹⁾ A. CHOLLEY, «Le Congrès International de Géographie de Varsovie», *Annales de Géographie*, Paris, 1935, vol. 247, pp. 28-36.

trabalhos importantes ⁽²⁰⁾. As comunicações lidas e discutidas em Varsóvia chamaram sobretudo a atenção para o aspecto quadridimensional de todos os problemas geográficos; as tentativas de descrição estática, através de médias das *médias* e de *normais*, deveriam ser postas de parte, para eliminação do largo fosso entre o mundo da teoria geográfica e o mundo da realidade geográfica. As modificações cíclicas, periódicas ou aperiódicas, progressivas, apreciáveis em unidades de tempo, são tão características dos solos, dos climas ou da vegetação, como dos fenómenos humanos. O importante seria *datar* os fenómenos, através da reconstrução das paisagens geográficas. «A Terra como habitação do Homem» foi o tema importante das discussões e das teses apresentadas.

Quatro anos depois, de 18 a 28 de Julho, realizou-se o XV Congresso, em Amsterdão ⁽²¹⁾. Recebeu mais de 1200 inscrições. A sua preparação, dentro dos moldes do de Paris (1931), foi levada ao máximo de perfeição; à data da abertura do congresso foram distribuídos os volumes impressos de comunicações; as excursões foram minuciosamente preparadas, incluindo uma a Java! Das sete secções (cartografia; geografia física e oceanografia; geografia humana, geografia económica e geografia colonial; geografia histórica e história da geografia; paisagem geográfica; metodologia e didáctica; biogeografia), a de geografia física foi a mais activa; nela se afloraram problemas que teriam maior desenvolvimento no congresso seguinte, tais como da morfologia quaternária nas regiões áridas e semiáridas, do papel do vento como factor morfológico, da modelação glacial, dos processos de desnudação em todos os climas (para conhecimento da génese actual das aplanções), etc.

Uma nova guerra mundial, interrompendo a tradição dos congressos internacionais, fechou mais um período da geografia mundial. Entre o Congresso do Cairo (1925) e o Congresso de Amsterdão (1938) os países mais activos foram, sem dúvida, a França, a Grã-Bretanha, a Itália, os E. U. A. e a Polónia; toda a geografia estava fortemente influenciada pelas orientações francesas, pelos autores de língua francesa. EMMANUEL DE MARTONNE foi, sucessivamente, secretário da Comissão Nacional da França e secretário e presidente da U. G. I. Os congressos, com excepção do de Cambridge, são caracterizados por uma dominante nitidamente francesa, quer por ser a língua mais utilizada nas comunicações e nas discussões, quer pelo espírito de trabalho das comissões, pela publicação da única bibliografia geográfica internacional. Graças à França, a Geografia tornou-se uma ciência moderna e de qualidade. Na opinião de um geógrafo eminente como R. J. HARRISON

⁽²⁰⁾ Comissões: fototopografia aérea; estudo das superfícies de aplanção (terciárias); estudo de terraços pliocénicos e plistocénicos; estudo das variações climáticas; povoamento vegetal e animal das montanhas; estudo do *habitat* rural; sobrepovoamento e suas consequências geográficas; preparação de mapas paleogeográficos; publicação de reproduções de mapas antigos. No fim do congresso ficaram reduzidas a seis, pela reunião da quinta, sexta e sétima numa só e pela eliminação da oitava.

⁽²¹⁾ S. A. «International Geographical Congress — Amsterdam 1938», *The Geographical Journal*, London, 1938, vol. xcii, n.º 5, pp. 355-358 e 433-446.

CHURCH, «qualquer geógrafo moderno... deve ter consciência de um profundo débito para com a escola francesa de geografia. Essa dívida é imensa, em quase todos os ramos, mas particularmente nos campos da geografia regional e humana. Nenhum país de tamanho, população, universalidade e recursos financeiros comparáveis produziu uma tal galáxia de génios como a que é representada pelos nomes de VIDAL DE LA BLACHE, GALLOIS, BRUNHES, DEMANGEON, DE MARTONNE, BLANCHARD, BAULIG, SIEGFRIED, CHOLLEY, SORRE e tantos outros» ⁽²²⁾. A vitalidade desta escola permite mesmo que o período de 1939-1945 seja de grande desenvolvimento geográfico, apesar da guerra e do isolamento a que os geógrafos estiveram submetidos.

No fim da última grande guerra estava tudo desorganizado. O secretário-geral da U. G. I., Paul Michotte, tinha morrido; Marguerite Lefèvre tomou o lugar, depois de recuperados os arquivos, que tinham sido transportados de Louvain para Berlim, durante a ocupação da Bélgica. Foi preciso recomeçar tudo e a U. G. I. reapareceu com a seguinte constituição: Emmanuel de Martonne (França), como presidente; H. J. Fleure (Grã-Bretanha), primeiro vice-presidente; R. Almagià (Itália), W. E. Boerman (Holanda), G. B. Cressey (E. U. A.), E. Romer (Polónia), como vice-presidentes; M. Lefèvre (Bélgica), secretário-geral. A primeira reunião da comissão executiva realizou-se em Londres, em Julho de 1946, e a U. G. I. tomou uma nova dimensão.

Se por um lado a guerra interrompeu a evolução histórica da geografia, por outro lado ela veio alargar o seu campo e promover a sua internacionalização. Se se exceptuar o Congresso de Lisboa, no mesmo estilo dos de antes da guerra, as reuniões posteriores serão marcadas pela presença dominante dos E. U. A., pelo aparecimento de outros países com contribuições importantes (Rússia, países Escandinavos, Japão, etc.) e de países acabados de constituir, pelo predomínio da língua inglesa nas comunicações e nas discussões. A geografia deixa de ser europeia, em especial da Europa ocidental, como fora até aí, para se tornar internacional ⁽²³⁾.

Primeiramente marcado para Setembro de 1948, o Congresso de Lisboa só se realizou de 8 a 15 de Abril de 1949. Mas antes disso tiveram de se reorganizar as actividades das comissões, o que foi possível graças ao amparo e auxílio financeiro oferecidos pela UNESCO (criada em 1946 e, desde então, oferecendo colaboração ao C. I. U. C.) e à actividade extraordinária desenvolvida por alguns geógrafos. Sem ter apresentado resultados redigidos, a comissão mais antiga, do «estudo do *habitat* rural», criada em 1925, no Cairo, foi substituída por uma nova comissão, para o estudo das formas do povoamento. A comissão para o estudo dos terraços (instituída em 1926), para a qual o seu

⁽²²⁾ R. J. HARRISON CHURCH, «The French School of Geography», *Geography in the twenty century* (edited by Griffith Taylor), London, 1962, pp. 70-90.

⁽²³⁾ LOUIS-EDMOND HAMELIN, «La Géographie Mondiale, le Congrès de Stockholm et le Canada», *Cahiers de Géographie de Québec*, oct. 1960 - mars 1961, n.º 9, pp. 51-62.

presidente, D. Johnson, projectara, em 1938, a organização de equipas para trabalharem nas duas margens atlânticas e de um inquérito acerca dos métodos de trabalho em vários países, veria logrados os seus objectivos pela guerra e por morte daquele cientista, se o novo presidente, H. Baulig, não tomasse com entusiasmo toda a responsabilidade do programa de actividades. A este geógrafo se deve a redacção do texto que, com as observações feitas por diversos estudiosos da matéria, constitui o VI Relatório da Comissão (24). As comissões de fototopografia aérea e de publicação de mapas antigos conseguiram reunir contribuições para serem apresentadas no congresso. A comissão da cartografia das superfícies de aplanção (criada em 1931), presidida por Emm. de Martonne, também apresentou trabalhos importantes (25). Menos felizes foram as comissões para o estudo das variações climáticas e do povoamento. Apesar de todas as dificuldades criadas pela guerra e pelo isolamento em que os geógrafos tiveram de viver, os resultados foram notáveis. M. Lefèvre referiu-se a eles da seguinte maneira, na assembleia geral da U. G. I., em Lisboa: «não se deve esperar que os trabalhos das comissões tragam soluções definitivas para os grandes problemas geográficos..., mas estabelecer no momento propício uma *mise au point* objectiva do estado das investigações..., de fazer luz sobre a causa de divergências... e, se necessário, orientar as investigações em novos caminhos» (26).

A organização do Congresso de Lisboa não foi fácil, logo depois da guerra, quando ainda se faziam sentir os seus efeitos (27). Ao esforço enérgico do secretário da comissão nacional portuguesa, Prof. Orlando Ribeiro, se deve a renovação da tradição dos congressos de geografia; a recompensa desse esforço traduziu-se na elevada afluência de participantes e no brilhantismo com que decorreram as sessões do congresso. De 779 inscrições, 163 foram de portugueses, 118 de franceses, 118 de brasileiros, 58 de norte-americanos, 45 de ingleses, 44 de suíços, 41 de italianos, 38 de espanhóis, etc., ao todo representando 37 países, onde se incluíam a China e o Japão. Os trabalhos foram apresentados em sete secções: cartografia (presidida por J. K. Wright, dos E. U. A.); geografia física (A. G. Ogilvie, da Grã-Bretanha); biogeografia (H. Gaussen, da França); geografia humana e económica (L. Dudley Stamp, da Grã-Bretanha); geografia da colonização (Ch. Robequain, da França); geografia histórica e história da geografia (R. Almagià, da Itália); metodologia, ensino e bibliografia (A. Cholley, da França).

(24) *Sixième Rapport de la Commission pour l'Étude des Terrasses Pliocènes et Pléistocènes. Problèmes des terrasses*, Louvain, 1948, 109 pp.

(25) *Rapport de la Commission pour la Cartographie des Surfaces d'Aplanissement*, Louvain, 1949, p. 154.

(26) *Comptes Rendus du Congrès International de Géographie, Lisbonne 1949*: tome 1^{er}, *Actes du Congrès. Travaux de la Section I*, Lisbonne, 1950, p. 91.

(27) Entre outras notícias: A. PERFILLOU, «Le Congrès International de Géographie de Lisbonne (Avril 1949)», *Annales de Géographie*, Paris, 1950, vol. 314, pp. 81-92. J. K. WRIGHT, «The Sixteenth International Geographical Congress, Lisbon, 1949», *Geographical Review*, New York, 1949, vol. xxxix, n.º 3, pp. 482-487. H. LAUTENSACH, «Der Internationale Geographienkongress zu Lissabon», *Petermanns Geographische Mitteilungen*, Gotha, 1949, pp. 81-82.

Quatro volumes impressos, com datas de 1949 e 1950, reuniram 206 comunicações (28). Durante este congresso tiveram lugar duas assembleias gerais da U. G. I. Na primeira, o presidente da União, Emm. de Martonne, traçou o programa do congresso e o secretário-geral, M. Lefèvre, apresentou um relatório completo dos trabalhos da União depois do XV Congresso. Na segunda assembleia geral, realizada em 15 de Abril, foram aprovadas várias resoluções importantes, tais como: supressão de duas comissões de estudo — variações climáticas e fototopografia aérea; criação de quatro comissões — utilização da fotografia aérea, planificação regional, morfologia periglacial e erosão dos solos; além destas, ainda outras três comissões «de informação e de relações» para o mapa-mundo, na escala 1:1 000 000, para a geografia médica, para o inventário mundial das formas de utilização do solo. Todas as sessões decorreram nas instalações do Instituto Superior Técnico de Lisboa; além das destinadas à apresentação e discussão de comunicações, realizaram-se exposições de cartografia e excursões na área da cidade de Lisboa e por diversas regiões do País, cuidadosamente organizadas e dirigidas (29). Na sessão de encerramento do congresso, Emmanuel de Martonne foi eleito presidente vitalício da U. G. I., título jamais concedido a qualquer personagem, em retribuição da sua devoção à causa da União. A nova comissão executiva ficou assim constituída: presidente vitalício, Emm. de Martonne; presidente, G. B. Cressey (E. U. A.); 1.º vice-presidente, M. Lefèvre (Bélgica); vice-presidentes: R. Almagià (Itália), B. Boesch (Suíça), G. H. Kuriyan (Índia), C. Leite de Castro (Brasil), O. Ribeiro (Portugal), L. D. Stamp (Grã-Bretanha); secretário-geral, G. Kimble (Canadá).

O Congresso de Lisboa marcou o fim de uma época na história dos congressos de geografia: o centro de gravidade do mundo geográfico deixa de estar na Europa; as delegações mais numerosas deixarão também de ser as europeias. A máquina da propaganda americana é posta ao serviço da U. G. I., entre 1949 e 1952; o seu presidente, com subsídios concedidos pela UNESCO, nesse espaço de tempo percorreu 38 países, a fim de estabelecer contactos pessoais com os geógrafos e tornar conhecida a União. Entretanto, também as comissões de estudo desenvolveram uma grande actividade, acumulando resultados para a elaboração dos respectivos relatórios. De 8 a 15 de Agosto de 1952, realizou-se o XVII Congresso, com 1300 participantes, de 42 países.

(28) Tomo I — Actas do Congresso e comunicações da secção I «Cartografia»; tomo II — Comunicações da secção II «Geografia física» e da secção III «Biogeografia»; tomo III — Comunicações da secção IV «Geografia humana e económica»; tomo IV — Comunicações da secção V «Geografia da colonização»; da secção VI «Geografia histórica e história da geografia», e da secção VII «Metodologia, ensino e bibliografia». Ainda um volume com os resumos das comunicações.

(29) Excursões à Arrábida e a Sintra-Cascais-Estoril; visita do porto de Lisboa; Lisboa e arredores, etc. Seis excursões grandes: A) Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro (sete dias), dirigida por J. Dias e C. Teixeira; B) O Centro litoral e o maciço calcário da Estremadura (seis dias), dirigida por F. Martins; C) Portugal Central (sete dias), dirigida por O. Ribeiro; D) Estremadura e Ribatejo (seis dias), dirigida por V. Rau e C. Zbyszewski; E) Baixo Alentejo e Algarve (sete dias), dirigida por M. Feio; F) Ilha da Madeira, dirigida por O. Ribeiro. Para cada uma destas excursões foi preparado e impresso um livro-guia.

As sessões de trabalho, cada uma com um ou dois presidentes estrangeiros e um secretário americano, foram as seguintes: biogeografia; climatologia; geomorfologia; hidrografia; cartografia; demografia e geografia cultural; geografia histórica e política; geografia regional; recursos, agricultura e indústria; ensino da geografia; comércio e transportes; *habitat* rural e urbano. Embora a geografia física apenas contasse 63 comunicações, contra 121 de geografia humana, as suas sessões foram mais vivas, com discussões sobre os níveis de erosão, sobre a morfologia periglacial, sobre as regiões áridas, etc. Uma organização perfeita assegurava a tradução simultânea em três línguas; exposições notáveis, excursões e conferências contribuíram para o êxito da reunião; pela primeira vez apareceu a novidade dos «simpósios», um sobre «A África Tropical», outro sobre «Recursos Alimentares do Globo». Ao invés do que se fizera anteriormente, da escolha dos membros para a comissão executiva da U. G. I. entre os países mais activos, desta vez ela recaiu sobre os grandes conjuntos de regiões geográficas. Interessante notar que, nessa altura, um inquérito efectuado pela U. G. I. registava 5141 geógrafos interessados nos problemas de geografia regional, 4423 em geografia humana, 2038 em geografia física e 922 em metodologia da geografia. Antes de terminado o congresso, a assembleia geral teve de escolher entre o Rio de Janeiro, Edimburgo e Viena para a futura reunião internacional. A preferência foi dada à primeira daquelas cidades; seria o primeiro Congresso Internacional de Geografia na América do Sul e o XVIII na série destas reuniões. Realizado entre 8 e 18 de Agosto de 1956, foram recebidas mais de 300 comunicações, apresentadas através de treze secções: cartografia e fotogeografia; geomorfologia; climatologia; hidrografia; biogeografia; geografia humana; geografia da população e do povoamento; geografia médica; geografia agrária; geografia da indústria, do comércio e dos transportes; geografia histórica e política; metodologia, ensino da geografia e bibliografia; geografia regional. Apesar da distância, acorreram cerca de 600 participantes, de meia centena de nações. A U. R. S. S., que já pedira a sua admissão na União, fez-se representar pela primeira vez, bem como outras repúblicas populares, com excepção da Alemanha Oriental e da China Continental. Também aderiram à União a Etiópia, a Hungria e a Islândia. Além das sessões de leitura e discussão das comunicações, e dos trabalhos das comissões, foram organizados dois simpósios, consagrados aos «Problemas dos campos nas regiões tropicais» e à «Contribuição da Geografia ao planeamento regional de áreas tropicais», sessões de filmes, conferências, exposições de mapas, livros e revistas, excursões (as excursões grandes foram em número de nove), etc. «As sessões reservadas aos temas gerais de geografia humana (dezoito comunicações) atraíram um público menos numeroso. A geografia física, mais particularmente a geomorfologia e, precisamente, os aspectos mais recentes desta, atraíram com força crescente o interesse

dos geógrafos»⁽³⁰⁾. Ao contrário dos congressos anteriores, em que se procurou reduzir o número de comissões, para se evitar a dispersão de esforços, os congressos de Washington e do Rio de Janeiro ampliaram o número desses órgãos de trabalho, por um lado porque tiveram recursos financeiros mais avultados, por outro lado, porque era necessário abarcar os problemas novos que surgiam a cada passo e, até, porque se tornava importante fazer participar nas actividades da U. G. I. os geógrafos dos países novos.

O XIX Congresso Internacional (décima assembleia geral da U. G. I., depois da sua criação em 1922) reuniu em Estocolmo, de 6 a 13 de Agosto de 1960. Na realidade, foi um congresso «Norden», porquanto aos cinco países nórdicos (Suécia, Noruega, Finlândia, Dinamarca e Islândia) coube a honra de receberem os geógrafos de todo o Mundo. O programa desenrolou-se em três fases: 1) Excursões e simpósios nos países organizadores, durante 15 dias; 2) Reuniões em Estocolmo, de 5 a 13 de Agosto, para apresentação e discussão de comunicações, reuniões das comissões e assembleias gerais da U. G. I.; 3) Excursões e simpósios depois do congresso em que, tal como nas que se realizaram antes do congresso, foram tratados, sobretudo, problemas de geografia regional, assuntos ligados ao mundo rural, às glaciações, às formas litorais. Oito tiveram lugar para lá do círculo polar, uma das quais em Spitzberg. Cerca de 1800 pessoas se inscreveram; o volume de *Abstracts of Papers* saiu com perto de 700 resumos de comunicações, isto é, duas vezes mais que os do Congresso do Rio de Janeiro, distribuídos por nove secções e quinze comissões⁽³¹⁾! A participação de novos países também foi maior. A diversidade dos assuntos apresentados, a especialização cada vez mais diversificada em cada um dos ramos da Geografia, demonstram a necessidade cada vez mais urgente de assegurar a unidade desta ciência e o espírito de colaboração dos seus cultores.

Passados quatro anos, os geógrafos voltaram a reunir-se, desta vez em Londres, no XX Congresso Internacional, de 21 a 28 de Julho de 1964. Tal como no anterior, o congresso foi precedido e seguido de uma semana (13 a 21 de Julho e 29 de Julho a 4 de Agosto) de simpósios, reuniões e excursões, realizados em várias áreas do Reino Unido. Registou a afluência de 1750 participantes de todos os continentes: Europa (1154 inscrições), América do Norte (376), Ásia (82), África (68), América do Sul (34), América Central (19) e Oceânia (17); no total, mais de 60 países estiveram representados no congresso. Das

(30) MAX. SORRE, «Le XVIII^e Congrès International de Géographie, Rio de Janeiro, août 1956», *Annales de Géographie*, Paris, 1957, vol. 353, p. 2.

(31) *Secções*: geografia polar e subpolar: cartografia geográfica e fotogeografia; climatologia e hidrografia (oceanografia e glaciologia); geomorfologia; biogeografia; geografia humana; geografia económica; metodologia e bibliografia; geografia aplicada.

Comissões: bibliografia de mapas antigos; fenómenos cárticos; evolução de vertentes; geografia médica; classificação de livros e de mapas geográficos; zona árida; morfologia periglacial; atlas nacionais; superfícies de erosão em torno do Atlântico; sedimentos litorais; geomorfologia aplicada; World Land Use Survey; ensino da geografia nas escolas; mapa mundial da população; trópicos húmidos.

908 comunicações remetidas, foram lidas cerca de metade. Não admira pois que, na semana de Londres, chegassem a funcionar dezasseis comissões e nove secções, com sessões espalhadas por diversas salas em sete edifícios da Universidade Técnica! A geomorfologia, tal como já sucedera nos congressos anteriores, ocupou um lugar proeminente, quer pelo nível das comunicações, mais de uma centena (além de fazer parte de muitas outras comunicações de outras secções), quer pela vivacidade das discussões de problemas importantes. Muitas excursões na cidade de Londres e na sua região, exposições de livros e de mapas geográficos, conferências e projecções de filmes, etc., enchiam um programa demasiado denso e difícil de seguir. Na reunião da assembleia geral da U. G. I. foi aceite o convite da União Indiana para se realizar em Nova Deli o congresso de 1968. A comissão executiva da U. G. I., para o período de 1964-1968 ficou assim constituída:

Presidente — Prof. Shiba Chatterjee, da Universidade de Calcutá, eleito (28 votos sim, 1 não e 1 abstenção), após a recusa do Prof. I. Gerassimov, candidato para o cargo; o presidente cessante era o Prof. Carl Troll, de Bonn.

1.º vice-presidente — Prof. I. Gerassimov, da Universidade de Moscovo.

Vice-presidentes — Professores K. Cumberland (Nova Zelândia), A. Gerlach (E. U. A.), F. Gribaudi (Itália), S. Leszczycki (Polónia), P. Monbeig (França), C. Troll (Alemanha Ocidental).

Secretário-geral e tesoureiro — Prof. H. Boesch, da Universidade de Zurique.

Predominam ainda elementos dos centros tradicionais da geografia, o que provocou a solicitação de um grupo de geógrafos para que, de futuro, passassem a fazer parte da comissão executiva outros países, nomeadamente da África e da América Latina. Das trinta comissões propostas apenas ficaram aprovadas 17, como se segue:

Comissões	Sim	Não	Abstenções
Zona árida	33	2	2
Evolução de vertentes	18	13	6
Atlas nacionais	35	1	1
Morfologia periglaciária	24	7	6
Regionalização económica	28	5	4
Geografia médica	22	12	3
Ensino da geografia	29	3	5
Geomorfologia litoral	25	9	3
Geomorfologia aplicada	25	8	7
Utilização do solo	29	5	3
População mundial	27	8	2
Trópicos húmidos	28	3	6
Agricultura, tipologia	18	12	7
Fotografia aérea	29	5	3
Década hidrológica	25	10	2
Geografia aplicada	28	6	3
Métodos quantitativos	27	5	5

Depois deste congresso reuniu-se em Edimburgo, com a presença de numerosos geógrafos, um «Simpósio de Cartografia» (31 de Julho a 5 de Agosto), da Associação Cartográfica Internacional. Além das sessões de leitura e de discussão das teses apresentadas, também houve excursões, exposições de mapas e atlas, visitas a firmas impressoras, etc.

Entre os congressos internacionais, e para satisfazer os interesses particulares dos geógrafos de uma dada área do Globo, a U. G. I. tem patrocinado a organização de conferências regionais e mesmo de conferências nacionais. A primeira conferência regional foi o «Simpósio de Makerere», realizado em Kampala (Uganda), em 1955, para reunir os geógrafos da África intertropical e outros interessados nos problemas dessas áreas. A segunda conferência regional teve lugar no Japão, em Tóquio e em Tenri, de 28 de Agosto a 3 de Setembro de 1957, com mais de 400 participantes. Teve um programa sem limitação de assuntos; todavia, foi dada a preferência aos problemas de geomorfologia aplicada, de povoamento rural, de industrialização do pós-guerra e a todos os problemas regionais da Ásia Oriental. Um simpósio sobre o sueste asiático, uma exposição de mapas, excursões pelo Japão, deram-lhe as características de um verdadeiro congresso. Em 1962 realizou-se a conferência de Kuala-Lumpur. A última, em 1966, decorreu no México.

Conclusão. — Com perto de um século, não há dúvida que a instituição dos congressos internacionais de geografia é particularmente vigorosa; resistiu aos efeitos de duas guerras mundiais e hoje, mais do que nunca, goza de uma força e prestígio extraordinários.

Através dos subsídios anuais que recebe da UNESCO, através da C. I. U. C. (cerca de 9000 dólares americanos por ano) e das quotizações dos países membros (perto de 14 000 dólares americanos por ano), a União Geográfica Internacional é, na actualidade, um organismo activo que subsidia comissões e conferências regionais, contribui para os congressos internacionais de geografia e outras manifestações da ciência geográfica. Até à sua fundação dez congressos internacionais foram realizados, todos na Europa; depois dela outros dez se efectuaram, mas agora com dispersão dos pontos de reunião: sete na Europa, dois na América, um na África. O próximo será na Ásia. Esta localização das reuniões sublinha a deseuropeização da geografia; por outro lado, tem aumentado o número de membros. Actualmente, a União conta com 59 membros regulares e 3 associados (Hong-Kong, Quénia e Singapura). Dois países, pelo número de comunicações que remetem e pelo total de inscrições nos últimos congressos, afastam-se dos outros: os E. U. A. e a U. R. S. S. A língua mais generalizada nas comunicações e nos debates deixou de ser a francesa, para ser a inglesa. O número de comissões passou de sete para dezassete.

Em Londres, como em Estocolmo, os programas, demasiado sobrecarregados, puseram em evidência a grande especialização de matérias e aumento das actividades. Em Estocolmo funcionaram, em média, sete grupos ao mesmo tempo; em Londres chegaram a funcionar, na mesma

altura, entre nove e dez grupos! Nestas condições, vai-se tornando difícil acompanhar os trabalhos, não diremos de várias secções, mas de uma mesma matéria, porquanto ela acaba por estar repartida por várias secções e comissões, que podem funcionar nas mesmas horas, em salas e edifícios diferentes. Como se isso não bastasse, em Londres, coincidiram, com as sessões de leitura e discussão de comunicações, visitas e excursões.

Ao encorajarem e permitirem as relações cordiais, tanto pessoais como profissionais e internacionais, entre os participantes e os países que representam, os congressos têm servido ainda como *forum* para a iniciação, a difusão e a discussão dos progressos geográficos. Por meio dos *Comptes Rendus*, que infelizmente deixaram de ter publicação tão regular como seria de desejar, e de outros documentos impressos, as suas influências estendem-se para além dos membros participantes. Pena é que a profusão de textos reflecta pouco, e cada vez menos, um espírito de geografia global: vai-se tornando difícil o entendimento, perante a grande variedade da definição da geografia e dos seus métodos. Como escreveu L. HAMELIN, «a assembleia geral tende a tornar-se mais numa reunião de geógrafos que num verdadeiro congresso de geografia»⁽²²⁾. As especializações são tantas que alguns textos chegam a atingir o campo do exotismo. Basta consultar os títulos incluídos no volume de *Abstracts of Papers*, do Congresso de Estocolmo, para se ter uma ideia disso. Assim, P. ARDISSONE (pp. 10-11), da Argentina, propõe uma *geografia dos odores*, em «A preliminary note on Osmogeography of Argentine odors». Mais adiante, o americano G. BORGSTRÖM (pp. 32-33) pretende definir a densidade de população por uma fórmula alimentar, «Appraisal in geographical terms of population pressure, population density, nutritional standards and food trade». O suíço H. CAROL discute «Geography in the Future» (p. 44); o russo GLAZOVSKAYA, o estudo das paisagens através da «Geochemistry of Landscapes and the living matter»! Também as comunicações apresentadas em Londres oferecem casos semelhantes. O escocês J. PATERSON (p. 153 de *Abstracts of Papers*) comunica uma tentativa da reconstituição de paisagens geográficas através de textos literários, citando como exemplo os trabalhos de Sir Walter Scott; GLAZOVSKAYA (p. 167) volta a insistir nos seus métodos geoquímicos. A tendência para reduzir os problemas de geografia a leis da matemática, da física ou da química é cada vez maior; numerosas são as tentativas apresentadas e a escola sueca de Lund constitui o melhor exemplo. Abrem-se perspectivas vastas para a geografia, constantemente solicitada pelos esquemas de organização dos espaços do Globo. Mas, também, ela tende a desintegrar-se, a multiplicar-se em numerosos ramos, a perder a unidade tão dificilmente mantida e que, ao mesmo tempo, lhe dava forma e consistência. Perante isto, tem de se manifestar a perplexidade já enunciada por H. BAULIG: «Mais alors... que restera-t-il de la géographie?»⁽²³⁾

⁽²²⁾ LOUIS HAMELIN, *ob. cit.*, p. 20.

⁽²³⁾ H. BAULIG, «La géographie est-elle une science?», *Annales de Géographie*, Paris, 1948, vol. 57, pp. 1-11.

LISTA CRONOLÓGICA DOS CONGRESSOS INTERNACIONAIS DE GEOGRAFIA

- I (1871) — Anvers, 14 a 22 de Agosto.
- II (1875) — Paris, 1 a 11 de Agosto.
- III (1881) — Veneza, 15 a 22 de Setembro.
- IV (1889) — Paris, 5 a 11 de Agosto.
- V (1891) — Berna, 10 a 14 de Agosto.
- VI (1895) — Londres, 26 de Julho a 3 de Agosto.
- VII (1899) — Berlim, 28 de Setembro a 4 de Outubro.
- VIII (1904) — E. U. A., 8 a 22 de Setembro.
- IX (1908) — Genebra, 27 de Julho a 6 de Agosto.
- X (1913) — Roma, 27 de Março a 3 de Abril.
- XI (1925) — Cairo, 1 a 9 de Abril.
- XII (1928) — Cambridge, 18 a 25 de Julho.
- XIII (1931) — Paris, 17 a 24 de Setembro.
- XIV (1934) — Varsóvia, 23 a 31 de Agosto.
- XV (1938) — Amsterdão, 18 a 28 de Julho.
- XVI (1949) — Lisboa, 8 a 15 de Abril.
- XVII (1952) — Washington, 8 a 15 de Agosto.
- XVIII (1956) — Rio de Janeiro, 8 a 18 de Agosto.
- XIX (1960) — Estocolmo, 6 a 13 de Agosto.
- XX (1964) — Londres, 21 a 28 de Julho.
- XXI (1968) — Nova Deli, 1 a 8 de Dezembro.

ILÍDIO DO AMARAL